

Em busca de apenas dois senadores

Quando os primeiros resultados eleitorais de 1978 confirmaram expressivas vitórias da Oposição na disputa majoritária de cadeiras no Senado, o País viveu o quadro surrealista de duas comemorações simultâneas e conflitantes. A oposição comemorava, entre outras, as vitórias de Franco Montoro (6 milhões de votos), Tancredo Neves, Néelson Carneiro, Pedro Simon e José Riça. Mas o Governo, que se supunha estar mordendo o pó de uma derrota semelhante à de 74, em vez disso também comemorava. O Governo comemorava o êxito de uma estratégia que, mal eleito o general Figueiredo para a presidência, já lhe armava o esquema de eleição do sucessor.

Hoje isso é claro. Excluídos os senadores do PDS cujo mandato vai apenas até as eleições de 82, o Governo tem no Senado, com mandato até as eleições de 86 — adiante, portanto, da eleição do próximo presidente da República — 19 senadores biônicos e 13 senadores diretos, ou seja, 32 votos. Basta, portanto, eleger dois senadores em 82 para manter sua maioria no Senado e um núcleo de votos que pode garantir a maioria no colégio eleitoral.

Essa maioria no Senado, presente e futura, é a chave que protege o Poder.

★ ★ ★

O Governo já não tem maiorias tão folgadas que lhe permitam aprovar tudo que queira e nos termos em que deseje. A reforma do Judiciário, politicamente inócua e pretexto para o recesso do Congresso e o Pacote de Abril, não passou. A

sublegenda não passou e teve de ser reimplantada pelo recurso ao veto. Mas o Governo tem o que, para a preservação de seu poder, é mais essencial: a capacidade de rejeitar o que não queira. A Emenda Lobão, que o Governo não queria porque não queria, se passasse na Câmara cairia no Senado.

Com essa maioria no Senado, que desde agora está garantida até pelo menos 1986, o Governo só deixa passar o que lhe convier. Assim, pode tranquilamente anunciar uma ampla reforma constitucional em 83, já na próxima Legislatura, certo de que essa reforma nada poderá incluir que reduza o essencial de seus poderes. E por isso, também, que o Governo não pode aceitar a tese da Constituinte, pois esta, renovando todo o Senado, subtrair-lhe-ia a chave do poder.

★ ★ ★

Dessa privilegiada posição no Senado resulta toda a estratégia política do Governo. É secundário, por exemplo, que com a eleição direta de governadores, o PDS perca muitos governos estaduais. Ele jogará, em 82, muito mais para reconquistar sua maioria na Câmara, para fazer maioria no maior número possível de assembleias estaduais (que elegem os representantes do Estado no colégio eleitoral do presidente da República) e, sobretudo, para garantir os dois senadores que completarão sua maioria no Senado. Esses dois senadores pesarão mais, na balança institucional, que todos os governadores que a oposição possa fazer. E mais até que a maioria na Câmara.